

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Prezado(a) aluno(a):

Estamos muito felizes em recebê-lo(a) no Centro de Estudos Supletivos Custódio Furtado de Souza, mais conhecido como CESU, para dar prosseguimento aos seus estudos.

Sabemos que este foi um passo importante e que você optou pelo CURSO SEMIPRESENCIAL por não poder comparecer todos os dias à escola.

Neste curso o estudo será feito através de apostilas como esta. Haverá também o auxílio do professor para tirar suas dúvidas e ajudá-lo(a) na verificação de sua aprendizagem, de acordo com o horário dos plantões de sua disciplina. Venha até o Posto nestes dias indicados.

Esta disciplina foi dividida em várias apostilas para facilitar o seu aprendizado. Cada item foi cuidadosamente preparado para ajudá-lo(a)!

Ao final de cada apostila, você será capaz de perceber um mundo diferente e, para que isso aconteça, em cada unidade de ensino do CURSO SEMIPRESENCIAL, foram selecionados objetivos que deverá alcançar. Eles vão nortear os seus estudos.

Depois do conteúdo apresentado, há sempre exercícios sobre o tema abordado. Os mesmos têm a finalidade de permitir que você acompanhe o seu próprio desenvolvimento. Faça todos os exercícios.

Mas não se esqueça! Esta apostila lhe está sendo emprestada.

**NUNCA ESCREVA NELA, FAÇA SEUS EXERCÍCIOS EM SEU CADERNO.
OUTROS COLEGAS DEPENDEM DESTA MATERIAL.**

Parabéns pela escolha! Sucesso em sua caminhada. Seja bem-vindo ao CESU!

Equipe de profissionais do CESU.

LÍNGUA PORTUGUESA-6

Ensino Médio

LÍNGUA PORTUGUESA

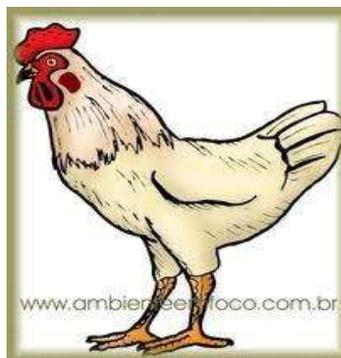
ENSINO MÉDIO - UNIDADE 6

Objetivos

Ao final desta unidade, você deverá ser capaz de:

- reconhecer os gêneros textuais CONTO e CRÔNICA, identificando elementos de sua estrutura e a linguagem que os caracteriza;
- conhecer as principais situações de concordância nominal e concordância verbal, segundo a norma culta da língua;
- empregar adequadamente as concordâncias nominal e verbal;
- produzir textos que exemplifiquem os gêneros CONTO e CRÔNICA.

0 Conto



Observe essas figuras. O que elas têm em comum? O que elas sugerem a você?

Em que as pessoas podem estar pensando? Sobre o que estariam conversando? Onde se encontram?

Após reflexões sobre as fotos, o que o conjunto delas lhe sugere?

Leia agora o conto abaixo de Machado de Assis e veja se ele trata do tema que você imaginou.

Texto 1 - Missa do Galo

Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta. Era noite de Natal. Havendo ajustado com um vizinho irmos à missa do galo, preferi não dormir; combinei que eu iria acordá-lo à meia-noite.

A casa em que eu estava hospedado era a do escrivão Meneses, que fora casado, em primeiras núpcias, com uma de minhas primas. A segunda mulher, Conceição, e a mãe desta acolheram-me bem quando vim de Mangaratiba para o Rio de Janeiro, meses antes, a estudar preparatórios. Vivia tranquilo, naquela casa assobradada da Rua do Senado, com os meus livros, poucas relações, alguns passeios.

A família era pequena, o escrivão, a mulher, a sogra e duas escravas. Costumes velhos. Às dez horas da noite toda a gente estava nos quartos; às dez e meia a casa dormia. Nunca tinha ido ao teatro e, mais de uma vez, ouvindo dizer ao Meneses que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse consigo. Nessas ocasiões, a sogra fazia uma careta e as escravas riam à socapa; ele não respondia, vestia-se, saía e só tornava na manhã seguinte. Mais tarde é que eu soube que o teatro era um eufemismo em ação. Meneses trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana. Conceição padecera, a princípio, com a existência da comborça; mas afinal, resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito.

Boa Conceição! Chamavam-lhe “a santa”, e fazia jus ao título, tão facilmente suportava os esquecimentos do marido. Em verdade, era um temperamento moderado, sem extremos, nem grandes lágrimas, nem grandes risos. No capítulo de que trato, dava para maometana; aceitaria um harém, com as aparências salvas. Deus me perdoe, se a julgo mal. Tudo nela era atenuado e passivo. O próprio rosto era mediano, nem bonito nem feio. Era o que chamamos uma pessoa simpática. Não dizia mal de ninguém, perdoava tudo. Não sabia odiar; pode ser até que não soubesse amar.

Naquela noite de Natal foi o escrivão ao teatro. Era pelos anos de 1861 ou 1862. Eu já devia estar em Mangaratiba, em férias, mas fiquei até o Natal para ver a missa do galo na Corte. A família recolheu-se à hora do costume; eu meti-me na sala da frente, vestido e pronto. Dali passaria ao corredor da entrada e sairia sem acordar ninguém. Tinha três chaves a porta; uma estava com o escrivão, eu levaria outra, a terceira ficava em casa.

— Mas, Sr. Nogueira, que fará você todo esse tempo? Perguntou-me a mãe de Conceição.

— Leio, D. Inácia.

Tinha comigo um romance, Os Três Mosqueteiros, velha tradução creio do Jornal do Comércio. Sentei-me à mesa que havia no centro da sala, e à luz de um candeeiro de querosene, enquanto a casa dormia, trepei ainda uma vez ao cavalo magro de D’Artagnan e fui-me às aventuras. Dentro em pouco estava completamente ébrio de Dumas. Os minutos voavam, ao contrário do que costumam fazer, quando são de espera; ouvi bater onze horas, mas quase sem dar por elas, um acaso. Entretanto, um pequeno rumor que ouvi dentro veio acordar-me da leitura. Eram uns passos no corredor que ia da sala de visitas à de jantar; levantei a cabeça; logo depois vi assomar à porta da sala o vulto de Conceição.

- Ainda não foi? Perguntou ela.
- Não fui, parece que ainda não é meia-noite.
- Que paciência!

Conceição entrou na sala, arrastando as chinelinhas da alcova. Vestia um roupão branco, mal apanhado na cintura. Sendo magra, tinha um ar de visão romântica, não disparatada com o meu livro de aventuras. Fechei o livro, ela foi sentar-se na cadeira que ficava defronte de mim, perto do canapé. Como eu lhe perguntasse se a havia acordado, sem querer, fazendo barulho, respondeu com presteza:

- Não! Qual! Acordei por acordar.

Fitei-a um pouco e duvidei da afirmativa. Os olhos não eram de pessoa que acabasse de dormir; pareciam não ter ainda pegado no sono. Essa observação, porém, que valeria alguma coisa em outro espírito, depressa a botei fora, sem advertir que talvez não dormisse justamente por minha causa, e mentisse para me não afligir ou aborrecer. Já disse que ela era boa, muito boa.

- Mas a hora já há de estar próxima, disse eu.

— Que paciência a sua de esperar acordado, enquanto o vizinho dorme! E esperar sozinho! Não tem medo de almas do outro mundo? Eu cuidei que se assustasse quando me viu.

- Quando ouvi os passos estranhei, mas a senhora apareceu logo.
- Que é que estava lendo? Não diga, já sei, é o romance dos Mosqueteiros.
- Justamente, é muito bonito.
- Gosta de romances?
- Gosto.
- Já leu A Moreninha?
- Do Dr. Macedo? Tenho lá em Mangaratiba.
- Eu gosto muito de romances, mas leio pouco, por falta de tempo. Que romances é que você tem lido?

Comecei a dizer-lhe os nomes de alguns. Conceição ouvia-me com a cabeça reclinada no espaldar, enfiando os olhos por entre as pálpebras meio-cerradas, sem os tirar de mim. De vez em quando passava a língua pelos beiços, para umedecê-los. Quando acabei de falar, não me disse nada; ficamos assim alguns segundos. Em seguida, vi-a endireitar a cabeça, cruzar os dedos e sobre eles pousar o queixo, tendo os cotovelos nos braços da cadeira, tudo sem desviar de mim os grandes olhos espertos.

“Talvez esteja aborrecida”, pensei eu. E logo alto:

- D. Conceição, creio que vão sendo horas, e eu...

— Não, não, ainda é cedo. Vi agora mesmo o relógio, são onze e meia. Tem tempo. Você, perdendo a noite, é capaz de não dormir de dia?

- Já tenho feito isso.

— Eu, não, perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso, e, meia hora que seja, hei de passar pelo sono. Mas também estou ficando velha.

- Que velha o quê, D. Conceição!

Tal foi o calor da minha palavra que a fez sorrir. De costume tinha os gestos demorados e as atitudes tranquilas; agora, porém, ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra embora, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite. Parava algumas vezes, examinando um trecho de cortina ou consertando a posição de algum objeto no aparador; afinal deteve-se, ante mim, com a mesa de perneio.

Estreito era o círculo das suas ideias; tornou ao espanto de me ver esperar acordado; eu repeti-lhe o que ela sabia, isto é, que nunca ouvira missa do galo na Corte e não queria perdê-la.

— É a mesma missa da roça; todas as missas se parecem.

— Acredito; mas aqui há de haver mais luxo e mais gente também. Olhe, a semana santa na Corte é mais bonita que na roça. São João não digo, nem Santo Antônio...

Pouco a pouco, tinha-se reclinado; fincara os cotovelos no mármore da mesa e metera o rosto entre as mãos espalmadas.

Não estando abotoadas as mangas, caíram naturalmente, e eu vi-lhe metade dos braços, muito claros, e menos magros do que se poderiam supor.

A vista não era nova para mim, posto também não fosse comum; naquele momento, porém, a impressão que tive foi grande. As veias eram tão azuis, que apesar da pouca claridade, podia contá-las do meu lugar. A presença de Conceição despertara-me ainda mais que o livro. Continuei a dizer o que pensava das festas da roça e da cidade, e de outras cousas que me iam vindo à boca. Falava emendando os assuntos, sem saber por que, variando deles ou tornando aos primeiros, e rindo para fazê-la sorrir e ver-lhe os dentes que luziam de brancos, todos iguazinhos. Os olhos dela não eram bem negros, mas escuros; o nariz, seco e longo, um tantinho curvo, dava-lhe ao rosto um ar interrogativo. Quando eu alteava um pouco a voz, ela reprimia-me:

— Mais baixo! Mamãe pode acordar.

E não saía daquela posição, que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras. Realmente, não era preciso falar alto para ser ouvido: cochichávamos os dois, eu mais que ela, porque falava mais; ela, às vezes, ficava séria, muito séria, com a testa um pouco franzida. Afinal, cansou, trocou de atitude e de lugar. Deu volta à mesa e veio sentar-se do meu lado, no canapé. Voltei-me e pude ver, a furto, o bico das chinelas; mas foi só o tempo que ela gastou em sentar-se, o roupão era comprido e cobriu-as logo. Recordo-me que eram pretas. Conceição disse baixinho:

— Mamãe está longe, mas tem o sono muito leve. Se acordasse agora, coitada, tão cedo não pegava no sono.

— Eu também sou assim.

— O quê? Perguntou ela inclinando o corpo, para ouvir melhor.

Fui sentar-me na cadeira que ficava ao lado do canapé e repeti-lhe a palavra. Riu-se da coincidência; também ela tinha o sono leve; éramos três sonos leves.

— Há ocasiões em que sou como mamãe, acordando, custa-me dormir outra vez, rolo na cama, à toa, levanto-me, acendo vela, passeio, torno a deitar-me e nada.

— Foi o que lhe aconteceu hoje.

— Não, não, atalhou ela.

Não entendi a negativa; ela pode ser que também não a entendesse. Pegou das pontas do cinto e bateu com elas sobre os joelhos, isto é, o joelho direito, porque acabava de cruzar as pernas. Depois referiu uma história de sonhos, e afirmou-me que só tivera um pesadelo, em criança. Quis saber se eu os tinha. A conversa reatou-se assim lentamente, longamente, sem que eu desse pela hora nem pela missa.

Quando eu acabava uma narração ou uma explicação, ela inventava outra pergunta ou outra matéria e eu pegava novamente na palavra. De quando em quando, reprimia-me:

— Mais baixo, mais baixo...

Havia também umas pausas. Duas outras vezes, pareceu-me que a via dormir; mas os olhos, cerrados por um instante, abriam-se logo sem sono nem fadiga, como se ela os houvesse fechado para ver melhor. Uma dessas vezes creio que deu por mim embebido na sua pessoa, e lembra-me que os tornou a fechar, não sei se apressada ou vagarosamente. Há impressões dessa noite, que me aparecem truncadas ou confusas. Contradigo-me, atrapalho-me. Uma das que ainda tenho frescas é que em certa ocasião, ela, que era apenas simpática, ficou linda, ficou lindíssima. Estava de pé, os braços cruzados; eu, em respeito a ela, quis levantar-me; não con –

sentiu, pôs uma das mãos no meu ombro, e obrigou-me a estar sentado. Cuidei que ia dizer alguma coisa; mas estremeceu, como se tivesse um arrepio de frio, voltou as costas e foi sentar-se na cadeira, onde me achara lendo. Dali relanceou a vista pelo espelho, que ficava por cima do canapé, falou de duas gravuras que pendiam da parede.

— Estes quadros estão ficando velhos. Já pedi a Chiquinho para comprar outros.

Chiquinho era o marido. Os quadros falavam do principal negócio deste homem. Um representava “Cleópatra”; não me recordo o assunto do outro, mas eram mulheres. Vulgares ambos; naquele tempo não me pareciam feios.

— São bonitos, disse eu.

— Bonitos são; mas estão manchados. E depois francamente, eu preferia duas imagens, duas santas. Estas são mais próprias para sala de rapaz ou de barbeiro.

— De barbeiro? A senhora nunca foi à casa de barbeiro.

— Mas imagino que os fregueses, enquanto esperam, falam de moças e namoros, e naturalmente o dono da casa alegre a vista deles com figuras bonitas. Em casa de família é que não acho próprio. É o que eu penso, mas eu penso muita coisa assim esquisita. Seja o que for, não gosto dos quadros. Eu tenho uma Nossa Senhora da Conceição, minha madrinha, muito bonita; mas é de escultura, não se pode pôr na parede, nem eu quero. Está no meu oratório.

A ideia do oratório trouxe-me a da missa, lembrou-me que podia ser tarde e quis dizê-lo. Penso que cheguei a abrir a boca, mas logo a fechei para ouvir o que ela contava, com doçura, com graça, com tal moleza que trazia preguiça à minha alma e fazia esquecer a missa e a igreja. Falava das suas devoções de menina e moça. Em seguida referia umas anedotas de baile, uns casos de passeio, reminiscências de Paquetá, tudo de mistura, quase sem interrupção. Quando cansou do passado, falou do presente, dos negócios da casa, das canseiras de família, que lhe diziam ser muitas, antes de casar, mas não eram nada. Não me contou, mas eu sabia que casara aos vinte e sete anos.

Já agora não trocava de lugar, como a princípio, e quase não saíra da mesma atitude. Não tinha os grandes olhos compridos, e entrou a olhar à toa para as paredes.

— Precisamos mudar o papel da sala, disse daí a pouco, como se falasse consigo.

Concordei, para dizer alguma coisa, para sair da espécie de sono magnético, ou o que quer que era que me tolhia a língua e os sentidos. Queria e não queria acabar a conversação; fazia esforço para arredar os olhos dela, e arredava-os por um sentimento de respeito; mas a ideia de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua, o silêncio era completo.

Chegamos a ficar por algum tempo, — não posso dizer quanto, — inteiramente calados. O rumor único e escasso era um roer de camundongo no gabinete, que me acordou daquela espécie de sonolência; quis falar dele, mas não achei modo. Conceição parecia estar devaneando. Subitamente, ouvi uma pancada na janela, do lado de fora, e uma voz que bradava: “Missa do galo! Missa do galo!”

— Aí está o companheiro, disse ela levantando-se. Tem graça; você é que ficou de ir acordá-lo, ele é que vem acordar você. Vá, que hão de ser horas; adeus.

— Já serão horas? Perguntei.

— Naturalmente.

— Missa do galo! — repetiram de fora, batendo.

— Vá, vá, não se faça esperar. A culpa foi minha. Adeus, até amanhã.

E com o mesmo balanço do corpo, Conceição enfiou pelo corredor dentro, pisando mansinho. Saí à rua e achei o vizinho que esperava. Guiamos dali para a igreja. Durante a missa, a figura de Conceição interpôs-se mais de uma vez, entre mim e o padre; fique isto à conta dos meus dezessete anos. Na manhã seguinte, ao almoço falei da missa do galo e da gente que estava na igreja sem excitar a curiosidade de Conceição. Durante o dia, achei-a como sempre,

natural, benigna, sem nada que fizesse lembrar a conversação da véspera. Pelo Ano-Bom fui para Mangaratiba. Quando tornei ao Rio de Janeiro em março, o escrivão tinha morrido de apoplexia. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a encontrei. Ouvi mais tarde que casara com o escrevente juramentado do marido.

Vocabulário:

alcova: quarto interno;

apoplexia: privação dos sentidos e dos movimentos;

canapé: sofá;

disparatada: despropositada, maneira tola;

ébrio: bêbado;

espaldar: as costas da cadeira;

eufemismo: substituição de termos por palavras mais suaves;

maometano: adepto da religião de Maomé. Islamismo, Muçulmano;

socapa: disfarce, disfarçadamente.

ESTUDO DO TEXTO

1. Quem são os personagens principais dessa história? Que outros personagens também fazem parte dessa narrativa?
2. Quem conta a história? Ela é narrada em 1ª ou 3ª pessoa? Explique por quê.
3. Onde se passa o episódio?
4. Cite as expressões que marcam o tempo em que ocorre a narrativa.
5. Qual é o fato que dá início ao conflito (problema) nessa história?
6. Cite o ponto mais alto, o auge da história.
7. Onde começa o desfecho dessa narrativa?
8. Leia, primeiramente, as perguntas abaixo e, a seguir, redija um parágrafo, abrangendo todas elas:
 - a) Que reação esse desfecho provocou em você?
 - b) Era o que esperava?
 - c) O que você pensou que iria acontecer?
 - d) Você achou que o texto abordou exatamente o tema sobre o qual você pensou após observar as figuras? Comente.

ESTUDO DO GÊNERO

O texto que você leu é uma narrativa. Narrar é contar uma sequência de acontecimentos reais ou imaginários.

Existem muitos tipos de texto que são narrativos: o romance, a novela, a fábula, o relato, a crônica, o conto, entre outros. Nesta unidade, vamos nos deter no estudo do CONTO.

O CONTO é uma narrativa curta que apresenta narrador, personagens, enredo, espaço e tempo. É uma história focada em um conflito básico e apresenta o desenvolvimento e a resolução desse conflito.

No texto “Missa do galo”, você conseguiu observar essas características? Pois é, “Missa do galo” é um conto de um dos mais famosos escritores brasileiros, Machado de Assis.

Como é uma narrativa curta, o conto não admite muitas complicações em relação ao desenvolvimento do enredo. Pelo mesmo motivo, contém poucos personagens. “Missa do galo” gira em torno de, basicamente, dois personagens.

Dentre os textos narrativos, o CONTO se destaca por sua estrutura mais simples, pois tem poucos elementos estruturais e uma única questão central. No conto lido, de Machado de Assis, a questão central é a situação em que se encontram Conceição e Nogueira e seu comportamento.

Estrutura do conto

Para entendermos melhor o que um conto quer nos comunicar, é necessário fazer uma análise das partes que constituem essa e outras narrativas. Com esse estudo, podemos perceber o valor dessas partes e o relacionamento que guardam entre si e, dessa forma, vamos compreender, interpretar e sentir a obra como um todo significativo.

Quais são os elementos que estruturam um conto?

1. **ENREDO:** são os fatos que integram a ação. É a história contada no texto. No conto lido, o enredo descreve um inesperado encontro entre um rapaz e uma mulher casada.
2. **PERSONAGENS:** são as pessoas ou elementos que participam da trama. D. Conceição é a personagem que dá vida à narrativa. O narrador, seu Nogueira – naquela ocasião com 17 anos de idade, é o personagem que participa da história e dá pistas ao leitor sobre toda a trama.
3. **FOCO NARRATIVO:** é o ângulo visual do narrador, a posição do narrador em relação ao fato narrado:

1ª pessoa – quando a narrativa for feita por alguém que também participou do fato, um personagem. Sempre que uma história é contada por um narrador em 1ª pessoa, o leitor encontra-se diante de um ponto de vista claramente subjetivo, particular, pessoal. Se o narrador é um dos personagens, todos os acontecimentos, motivações e demais personagens são apresentadas a partir da sua visão.

3ª pessoa - quando o narrador apenas relata o fato, não participa da história. Como um narrador em 3ª pessoa não é uma personagem, não representa, na verdade, uma perspectiva única, particular, associada a uma só visão de mundo. Ele funciona como uma lente mais ampla, que capta e transmite, para o leitor, os sentimentos, emoções e pensamentos mais privados de diferentes personagens. Ao fazer isso, explicita pontos de vista variados sobre os acontecimentos narrados.

Em “Missa do galo”, o foco narrativo é de 1ª pessoa, já que Nogueira é o personagem que conta a história.

4. **ESPAÇO:** Trata-se dos cenários criados pelo autor nos quais serão ambientadas as ações. No conto em estudo, o espaço é a sala de estar da casa de Conceição.
5. **TEMPO:** É quando os fatos acontecem. “Missa do galo” ocorre numa noite de natal de 1861 ou 1862.
6. **CONFLITO:** É um problema a ser resolvido. É através dele que se criam no leitor expectativas com relação aos fatos da história. O conflito do texto é o possível relacionamento amoroso entre Conceição e Nogueira.
7. **CLÍMAX:** É o auge, o momento culminante da história. Nesse conto é quando Conceição se mostra inquieta, sensual diante de Nogueira.
8. **CONCLUSÃO:** É a solução do conflito. O desfecho em “Missa do galo” foi o fato de o companheiro de Nogueira chamá-lo para a missa, impossibilitando, assim, o envolvimento do casal.

Agora conheça um pouco o autor do conto “Missa do Galo”:



Machado de Assis é reconhecido mundialmente como um dos melhores escritores brasileiros. Suas obras se destacam por abordar temas até então negligenciados na literatura brasileira como o sexo e a falta de caráter do ser humano. O autor retrata em suas obras a vida como um espetáculo ao sondar os mecanismos que comandam as ações humanas. Através da reprodução da linguagem falada, seus textos se caracterizam por apresentarem um diálogo vivo e contemporâneo.

Procure ler outras obras desse autor, Você vai gostar. Converse com seu professor!

A Linguagem do Conto

Normalmente, narrativas ficcionais são escritas de acordo com as regras da variedade culta da língua, mas, no conto, a linguagem pode ser usada mais livremente, pois, muitas vezes, ela é uma das características definidoras das personagens.

Veja o exemplo a seguir:

Cinco minutos é tempo de sobra pra uma pessoa pegar no sono, quer ver?

Vou pegar no sono em cinco minutos. Boa noite. Estou quase dormindo. Quase.

Dormi. Não dormi? Acho que não. Mas vou dormir agora. Senão os pensamentos começam a entrar na minha cabeça e aí, minha filha, nunca mais. Um pensamento puxa outro, que puxa outro, parece até que pensamento tem corda. O negócio é não deixar entrar o primeiro, tá vendo? Foi só começar a pensar em não pensar e quando eu vi já estava pensando em pensamento com corda.

FALCÃO, Adriana. *O doido da garrafa*. São Paulo: Planeta,2003.(Fragmento).

Nessa passagem, observamos grifadas acima, diversas ocorrências de expressões características da linguagem oral. É muito importante que elas estejam presentes nesse texto, porque a situação narrativa criada é de total descontração da personagem: à noite, na cama, tentando dormir, ela vai encadeando pensamentos.

Se esse trecho de conto tivesse sido escrito em linguagem formal, a história se afastaria da realidade, já que ninguém pensa em linguagem culta.

Contexto de Circulação

Os contos são publicados normalmente em livros e, algumas vezes, também em revistas.

Há livros de contos que são organizados pelo próprio autor, reunindo vários textos a partir de escolha pessoal. Existem também aqueles que são planejados por alguém interessado em divulgar os melhores textos de um determinado autor e as antologias (coletâneas), que reúnem contos de vários autores.

Quem são os leitores de contos?

São pessoas que apreciam a linguagem literária e encontram, nesse tipo de texto, uma oportunidade de soltar sua imaginação, numa viagem que propicia desvencilhar-se, por momentos, da realidade estressante em que vivem.

Por ser uma narrativa curta, o conto favorece o leitor dos tempos atuais que, às vezes, não dispõe de tempo para histórias mais longas.

O conto do início desta apostila é do século XIX. Agora você vai conhecer um do século XX. Leia-o com atenção e responda às questões que seguem.

RELATO DE OCORRÊNCIA

Na madrugada do dia 3 de maio, uma vaca marrom caminha na ponte do rio Coroado, no quilômetro 53, em direção ao Rio de Janeiro.

Um ônibus de passageiros da empresa Única Auto Ônibus, chapa RF 80-07-83 e JR 81-12-27, trafega na ponte do rio Coroado em direção a São Paulo. Quando vê a vaca, o motorista Plínio Sérgio tenta se desviar. Bate na vaca, bate no muro da ponte, o ônibus se precipita no rio.

Em cima da ponte a vaca está morta.

Debaixo da ponte estão mortos: uma mulher vestida de calça comprida e blusa amarela, de vinte anos presumíveis e que nunca será identificada; Ovídia Monteiro, de trinta e cinco anos; Manuel dos Santos Pinhal, português, de trinta e cinco anos que usava uma carteira de sócio do Sindicato de Empregados em Fábricas de Bebidas; o menino Reinaldo de um ano, filho de Manuel; Eduardo Varela, casado, quarenta e três anos.

O desastre foi presenciado por Elias Gentil dos Santos e sua mulher Lucília, residentes nas cercanias. Elias manda a mulher apanhar um facão em casa. Um facão? pergunta Lucília. Um facão depressa sua besta, diz Elias. Ele está preocupado. Ah! percebe Lucília. Lucília corre.

Surge Marcílio da Conceição. Elias olha com ódio para ele. Aparece também Ivonildo de Moura Júnior. E aquela besta que não traz o facão!, pensa Elias. Ele está com raiva de todo mundo, suas mãos tremem. Elias cospe no chão várias vezes, com força, até que a sua boca seca.

Bom dia, seu Elias, diz Marcílio. Bom dia, diz Elias entre dentes, olhando pros lados. Esse mulato!, pensa Elias.

Que coisa, diz Ivonildo, depois de se debruçar na amurada da ponte e olhar os bombeiros e policiais embaixo. Em cima da ponte, além do motorista de um carro da Polícia Rodoviária, estão apenas Elias, Marcílio e Ivonildo.

A situação não anda boa não, diz Elias olhando para a vaca. Ele não consegue tirar os olhos da vaca.

É verdade, diz Marcílio.

Os três olham para a vaca.

Ao longe vê-se o vulto de Lucília, correndo.

Elias recomeçou a cuspir. Se eu pudesse eu também era rico, diz Elias. Marcílio e Ivonildo balançam a cabeça, olham para a vaca e para Lucília, que se aproxima correndo. Lucília também não gosta de ver os dois homens. Bom dia, dona Lucília, diz Marcílio. Lucília responde balançando a cabeça. Demorei muito?, pergunta, sem fôlego, ao marido.

Elias segura o facão na mão, como se fosse um punhal; olha com ódio para Marcílio e Ivonildo. Cospe no chão. Corre para cima da vaca.

No lombo é onde fica o filé, diz Lucília. Elias corta a vaca.

Marcílio se aproxima. O senhor depois me empresta a sua faca, seu Elias?, pergunta Marcílio. Não, responde Elias.

Marcílio se afasta, andando apressadamente. Ivonildo corre em grande velocidade.

Eles vão apanhar facas, diz Elias com raiva, aquele mulato, aquele corno. Suas mãos, sua camisa e sua calça estão cheias de sangue. Você devia ter trazido uma bolsa, uma saca, duas sacas, imbecil. Vai buscar duas sacas, ordena Elias.

Lucília corre.

Elias já cortou dois pedaços grandes de carne quando surgem, correndo, Marcílio e sua mulher Dalva, Ivonildo e sua sogra Aurélia e Erandir Medrado com seu irmão Valfrido Medrado. Todos carregam facas e facões. Atiram-se sobre a vaca.

Lucília chega correndo. Ela mal pode falar. Está grávida de oito meses, sofre de verminoses e sua casa fica no alto de um morro, a ponte no alto de outro morro. Lucília trouxe uma segunda faca com ela. Lucília corta a vaca.

Alguém me empresta uma faca senão eu apreendo tudo, diz o motorista do carro da polícia. Os irmãos Medrado, que trouxeram vários facões, emprestam um ao motorista.

Com uma serra, um facão e uma machadinha aparece João Leitão, o açougueiro, acompanhado de dois ajudantes.

O senhor não pode, grita Elias.

João Leitão se ajoelha perto da vaca.

Não pode, diz Elias dando um empurrão em João. João cai sentado.

Não pode, gritam os irmãos Medrado.

Não pode, gritam todos, com exceção do motorista da polícia.

João se afasta; a dez metros de distância, para; com os seus ajudantes, fica observando.

A vaca está semidescarnada. Não foi fácil cortar o rabo. A cabeça e as patas ninguém conseguiu cortar. As tripas ninguém quis.

Elias encheu as duas sacas. Os outros homens usam as camisas como se fossem sacos.

Quem primeiro se retira é Elias com a mulher. Faz um bifão pra mim, diz ele sorrindo para Lucília. Vou pedir umas batatas a dona Dalva, vou fazer também umas batatas fritas para você, responde Lucília.

Os despojos da vaca estão estendidos numa poça de sangue. João chama com um assobio os seus dois auxiliares. Um deles traz um carrinho de mão. Os restos da vaca são colocados no carro. Na Ponte fica apenas a poça de sangue.

(FONSECA, Rubem. "Relato de Ocorrência." In: **Contos reunidos** – São Paulo: Companhia das letras, 1994)

9. O texto se chama "Relato de ocorrência", título que faz lembrar outra expressão bastante utilizada no meio policial: boletim de ocorrência ou B.O. Na parte inicial do texto, até determinado parágrafo, vários elementos da linguagem aproximam o texto da notícia policial .
- Que tipo de informação apresentada é comum na notícia policial?
 - A partir de qual parágrafo o texto passa a ter feições diferentes da notícia policial?
10. Considerando os fatos inicialmente narrados e o rumo que a narrativa toma após o envolvimento das personagens Elias, Lucília, Marcílio e Ivonildo, nota-se que há uma quebra de expectativa no texto.

- a) O que se esperava que o texto fosse relatar em primeiro plano? Por quê?
- b) Que fato ganha o primeiro plano na narrativa?
11. Releia o 6º e o 7º parágrafos, observando as ações e o estado emocional de Elias.
- a) Como está Elias emocionalmente nesses parágrafos?
- b) Que comportamento repetitivo de Elias confirma esse estado emocional?
- c) Ao pedir um facão à esposa, cria-se outra expectativa falsa. Considerando o contexto e o estado emocional da personagem, levante hipóteses: aparentemente, com que finalidade Elias pede o facão?
- d) Qual das seguintes frases do texto confirma a resposta dada ao item acima?
- “Elias cospe no chão várias vezes, com força, até que a sua boca seca.”
 - “Elias segura o facão na mão, como se fosse um punhal.”
 - “Bom dia, diz Elias entre dentes, olhando pros lados.”
12. Observe as frases seguintes, ditas por Elias a Marcílio e Ivonildo no momento em que a polícia está embaixo da ponte, resgatando os mortos:
- “ A situação não anda boa não”
 - “Se eu pudesse eu também era rico”
- a) Essas frases são incoerentes com o contexto da tragédia. Por quê?
- b) Considerando que, em seguida, Elias começa a descarnar a vaca, essas frases passam a ter relação com o novo contexto? Por quê?
13. Além dos moradores da região em que ocorreu o acidente, outras pessoas se aproximam da vaca e também tentam tirar proveito da situação. Levante hipóteses:
- a) Por que, na sua opinião, as personagens não permitem que o açougueiro e seus dois ajudantes participem ?
- b) Por que o motorista é o único que nada diz ao açougueiro ?
14. Os textos de Rubem Fonseca às vezes produzem no leitor um sentimento de grande perplexidade, devido ao absurdo de certas situações, que levam as personagens a perder completamente os sentimentos e o senso de humanidade e a quase se tornar animais.
- a) Que atitudes e comportamentos das personagens lembram brutalidade, animalização e perda dos sentimentos e do senso de humanidade?
- b) Com base nos fatos do texto, qual a causa desse embrutecimento do ser humano?
15. Observe a forma como Elias e a esposa se tratam no penúltimo parágrafo, depois de se apoderarem da carne.
- a) Há, nesse tratamento, alguma mudança no comportamento embrutecido observado anteriormente?
- b) De acordo com esse parágrafo, é possível concluir que a brutalização do ser humano é reversível?

Depois de ter estudado o conto, você vai conhecer mais de perto um outro gênero textual. Como ele tem uma presença mais intensa entre diversos tipos de leitores, é possível que você se perceba familiarizado com esse gênero logo de início.

Vamos, então, à leitura! O texto foi publicado na revista Época, de 10 de junho de 2013 e tem uma mesma característica do conto: Ser curto.

Walcyr Carrasco



A técnica do bruxo

Vivo recebendo recados ameaçadores de uma cartomante. É pessoa próxima de um amigo, que me telefona:

- Ela mandou dizer pra você tomar cuidado. Entrará uma pessoa na sua vida que, em dois anos, arrancará tudo o que você tem.

Já pedi, já insisti. Não quero saber das tais mensagens. A expressão usada, “entrar na vida”, pode se referir a qualquer tipo de relação, desde um vizinho que se muda para a mesma rua a uma relação íntima. Qualquer um vive esbarrando com pessoas perigosas. Interesseiras, invejosas e mal-intencionadas. Faz parte da vida saber quem é quem.

Meu amigo, impulsionado pelo medo, de tempos em tempos não resiste e me avisa.

- Ela está muito preocupada. Há muita inveja e forças negativas em torno de você. E você está frágil porque anda tomando drogas.

- Como assim, não uso drogas!

- Ela teve uma visão de você tomando comprimidos.

Algum poder essa mulher tem, não resta dúvida. Quando esse aviso chegou, eu iniciaria um tratamento ortomolecular com uma infinidade de pílulas diárias: complexos vitamínicos, clorofila etc. Mas uma coisa aprendi na vida: o fato de alguém ter intuição, um certo sexto sentido, não quer dizer que seja dono absoluto da verdade. Seu desejo é transformar essa qualidade em investimento. Porque sempre vem a segunda parte do recado.

- Ela diz pra você procurá-la, pra fazer um trabalho pra te livrar das sombras.

Vejam bem, não estou falando de pais de santos – existem muitos sérios – ou de qualquer outro tipo de crença, religião ou espiritualismo. Me refiro a um exército de cartomantes, bruxos de todos os tipos dispostos a arrebanhar clientes. As técnicas são muitas. Uma conhecida foi ler a sorte e sentiu um arrepio ao saber:

- Um homem está interessado em você.

Mesmo bem casada, qualquer mulher ficaria satisfeita com a notícia, nem que fosse por vaidade. Minha amiga estava no desvio fazia tempo. Imediatamente quis saber quem era o tal. Tentava identificá-lo entre os conhecidos.

- Como ele é... jovem? Maduro?

- Ainda está nebuloso.

- Conheci um rapaz...

- Louro!

- Castanho.

- Estou vendo nas cartas um castanho-alourado.

- Isso. Ele até sugeriu que me ligaria, mas não ligou.

- É porque há outra mulher no caminho dele.

- É casado?

- Essa outra é uma amiga sua, que tem muita inveja e lança energia negativa sobre você. Vai fazer de tudo pra vocês não se relacionarem.

Foi o suficiente para a paranoia baixar. Rapidamente, ela identificou quatro ou cinco amigas que poderiam ser as invejosas. O rapaz, assim acreditava, era um que conheceu numa festa e trocara telefone com ela – para oferecer serviços de marcenaria VIP.

- Ele pode se aproximar inicialmente por trabalho, mas depois haverá um interesse afetivo, se as más energias forem dispersadas.

Chegaram ao momento fatal:

- O que faço para abrir meus caminhos?

A adivinha balançou a cabeça, pensativa, com parte do rosto iluminado pelas velas de um altar logo atrás.

- Posso fazer um trabalho.

- Quanto é?

- Imagine, não cobro nada. Só o material.

E dá-lhe material, que a cartomante, por gentileza, disse que ela mesma compraria: sete pombas brancas, alguidares, incensos, um arco-íris de velas. Minha amiga iniciou uma rotina de banhos com pétalas de rosas, arruda e alecrim. Tinha alergia a um desses elementos. Ficou com a pele cheia de borbulhas vermelhas. O rapaz telefonou, e ela marcou uma visita, para trocar os armários.

- Está dando certo.

- Você só não pode parar agora. Quanto mais ele se aproximar de você, maiores serão a inveja e as forças negativas.

Toca a buscar encruzilhadas solitárias de terra à meia-noite, com risco de assalto. Ela aprendeu a acender velas no vento, mãos em concha. As despesas com o material subiam. Com o rapaz também. Ele pediu um orçamento exorbitante para trocar o armário. Ela aceitou, encantada pela possibilidade de amor.

Só desistiu quando acendeu velas com o nome dele escrito na parafina em cima da geladeira. Uma delas caiu e gerou um princípio de incêndio. Só aí tomou consciência de que, havia meses, o tal marceneiro VIP levava a entrada e nunca mais aparecera. Telefonou, e o celular não era mais o mesmo. Finalmente, pôs toda a culpa na cartomante.

Acredito no mundo espiritual, em intuição, sexto sentido. Sábios não misturam matéria e espírito. Mas há bruxas que querem transformar você em cliente. E, se desdenhadas, ainda podem lançar uns feitiços. ♦

Walcyr Carrasco é jornalista, autor de livros, peças teatrais e novelas de televisão.

Estudo do texto

16. No texto, Walcyr Carrasco parte de uma experiência particular para uma reflexão mais ampla. Que experiência é essa?
17. Para desenvolver sua reflexão sobre o tema em questão, o autor lança também uma outra experiência vivida. De quem é agora essa experiência? Resuma o que aconteceu.
18. A que conclusão Walcyr carrasco quer conduzir o leitor de seu texto?
19. Copie o trecho em que se revela uma OPINIÃO do autor:
 - a) “Meu amigo, impulsionado pelo medo, de tempos em tempos não resiste e me avisa”.
 - b) “Toca a buscar encruzilhadas solitárias de terra à meia noite, com risco de assalto.”
 - c) “Mas uma coisa aprendi na vida: o fato de alguém ter intuição, um certo sexto sentido, não quer dizer que seja dono absoluto da verdade.”
 - d) “Foi o suficiente para a paranoia baixar. Rapidamente, ela identificou quatro ou cinco amigas que poderiam ser as invejosas.”
20. Localize e copie do texto uma frase em que o autor se dirija aos leitores, como se estivesse conversando com eles.
21. Observe a linguagem empregada por Walcyr Carrasco em seu texto. Copie a alternativa em que não haja exemplo de marcas de oralidade, de informalidade no uso da linguagem.
 - a) “...eu iniciava um tratamento ortomolecular com uma infinidade de pílulas diárias ...”
 - b) “ Qualquer um vive esbarrando com pessoas perigosas.”
 - c) “ Me refiro a um exército de cartomantes, bruxos de todos os tipos...”
 - d) “Minha amiga estava no desvio fazia tempo.”

O texto cujo estudo você terminou de fazer pertence ao gênero CRÔNICA.

Estudo do gênero

A crônica é um gênero textual em que o autor manifesta sua perspectiva pessoal, própria, a partir da observação e do relato de fatos do dia a dia.

Nela o escritor apresenta ao leitor uma interpretação que, em geral, não é feita por todos nós em relação ao que acontece no nosso cotidiano. Sua preocupação não é apenas registrar uma cena, mas ir além da aparência, buscar seu significado mais geral em relação ao comportamento humano.

A partir do relato de fatos, é comum os cronistas fazerem comentários mais gerais sobre como o acontecimento apresentado pode ser interpretado. Por isso, a crônica é um gênero claramente opinativo (em que o autor expressa sua opinião), subjetivo.

Quanto ao assunto, as crônicas variam muito, mas, como já comentamos, o autor mostra seu ponto de vista a respeito do cotidiano (encontros, desencontros, sentimentos, situações embaraçosas, etc) ou reflete sobre o que acontece na política, nos esportes, nas artes, na vida social em geral.

Veja a seguir, um texto proposto para a prova do ENEM de 2014 que tem como tema o gênero que estamos estudando. Nele o autor reforça o que você está aprendendo nesta unidade.

0 exercício da crônica

Escrever prosa é uma arte ingrata. Eu digo prosa fiada, como faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e situações que, azar dele, criou porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de sua máquina, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida emocionalmente despertados pela concentração. Ou então, em última instância, recorrer ao assunto da falta de assunto, já bastante gasto, mas do qual no ato de escrever, poder surgir o inesperado.

MORAES, V. **Para viver um grande amor: Crônicas e poemas**. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

Estrutura da crônica

A estrutura da crônica não segue um padrão fixo, mas geralmente esse gênero se inicia pela narrativa de um fato ou por uma declaração que servirá de apoio para a reflexão do autor.

Observe como o escritor Rubem Braga começa sua crônica “Sobre o amor, desamor”:

“Chega a notícia de que um casal de estrangeiros, nosso amigo, está se separando. Mais um! É tanta separação que um conhecido meu, que foi outro dia a um casamento grã- fino, me disse que na hora de cumprimentar a noiva, teve a vontade idiota de lhe desejar felicidades pelo seu primeiro casamento.”

A partir da separação do casal de amigos, Rubem Braga reflete sobre a relação entre marido e mulher, terminando, em tom otimista, por falar sobre o amor.

Portanto, o princípio organizador da crônica é, de modo geral, um movimento de reflexão que parte de uma experiência particular, única e vai ampliando para alcançar um significado mais geral que expresse a experiência de várias pessoas.

Vários temas são motivo de crônicas diversas. Alguns teóricos propõem uma classificação das crônicas de acordo com os assuntos abordados, mas uma mesma crônica pode estar relacionada a mais de um dos tipos apresentados a seguir.

- Crônica mundana: trata-se de fatos ou acontecimentos característicos de uma sociedade.
- Crônica lírica: expressa o estado de espírito do cronista.
- Crônica filosófica: busca alcançar um sentido mais abrangente do fato relatado.
- Crônica humorística: apresenta uma visão irônica ou cômica dos fatos relatados.
- Crônica jornalística: trata de aspectos particulares de notícias ou fatos.

A linguagem da Crônica

Como a crônica é um texto para ser publicado, obedece a regras da linguagem culta, mas apresenta muitas marcas de oralidade, informalidade devido ao fato de ser caracteristicamente pessoal.

Você já sabe que esse tipo de texto apresenta uma perspectiva subjetiva; há um “eu” que se manifesta nele em tom mais descontraído, que conversa com o leitor e, muitas vezes, dirige-se diretamente a ele, convocando sua experiência para fazer parte da reflexão em andamento. O leitor passa, então, a ser convencido, persuadido pelo autor num jogo em que aquele também se sente responsável pela observação feita, participante dela.

O tom de conversa entre autor e leitor é, aliás, uma das características que permitem classificar um texto como crônica, texto geralmente curto e sempre escrito em prosa.

Contexto de circulação

O espaço em que as crônicas circulam com maior frequência são os jornais e as revistas semanais, que costumam reservar um lugar e autores fixos para esse gênero em suas publicações. Escritores como Walcyr Carrasco, cujo texto você leu no início do estudo da crônica nesta apostila, e Martha Medeiros, por exemplo, têm espaços cativos em revistas de grande circulação nacional.

Nas revistas, muitas vezes as crônicas aparecem logo no início, como uma “introdução” às notícias e reportagens, ou no fim, como uma “conclusão”, um espaço de reflexão sobre os fatos apresentados.

As revistas especializadas costumam publicar crônicas direcionadas a seu público alvo; assim, revistas femininas comumente abordam temas que interessam às mulheres, as escritas para adolescentes veiculam assuntos próprios dos adolescentes, e assim por diante.

As crônicas, do mesmo modo que os contos, também circulam em livros reunidos por autores como exemplos representativos de sua obra.

Os leitores das crônicas têm, portanto, um perfil variado; são pessoas que habitualmente leem o jornal do dia ou aquelas que buscam revistas especializadas dos mais diversos tipos.

Em qualquer um dos casos, os leitores tornam-se mais próximos dos cronistas com quem dialogam através de seus textos, que, como você já sabe, ocupam espaço fixo nos meios de comunicação de que fazem parte. É como se esses autores se tornassem seus conhecidos de há muito tempo, conversando sobre assuntos cotidianos, próximos da realidade e refletindo com seus leitores a respeito de questões da vida.

Não raro cartas e mensagens são enviadas aos jornais e revistas comentando sobre as crônicas publicadas. Essa relação de familiaridade entre o autor e seus leitores distingue a crônica de outros gêneros textuais existentes.

Agora que você já conhece um pouco mais a crônica, leia outro exemplo desse gênero textual.

A Última Crônica

Fernando Sabino

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever.

A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu queria o meu último poema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que

compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho -- um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa a um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: "parabéns pra você, parabéns pra você..." Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura — ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido — vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu queria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

Elenco de cronistas modernos. 21ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

22. Como você observou, esse texto é uma crônica. Como o narrador escolheu o assunto para sua crônica?
23. Segundo o dicionário Aurélio, metalinguagem é a linguagem utilizada para descrever a própria ou outra linguagem: Um poema cujo assunto seja o fazer poético, uma música que fale de música, uma novela que aborde a gravação de uma novela e assim por diante. Baseado nisso, podemos afirmar que o texto apresenta metalinguagem? Comente e justifique com fragmentos do texto.
24. Por que a cena da família chamou tanto a atenção do cronista?

Conhecimentos Linguísticos

Concordância Nominal

Vamos reler um trecho do último texto apresentado:

“.....um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.”

Observe que, para que nós, leitores da crônica, tivéssemos a real dimensão do bolo “de aniversário” da garotinha da história, Fernando Sabino empregou adjetivos para caracterizar tanto o bolo quanto a fatia comprada pelo pai para dar de presente à filha.

25. Encontre na frase transcrita esses adjetivos.

Na estrutura da nossa língua, não poderíamos usar “bolo amarelo-escura” nem “pequeno fatia”, não é mesmo?

Isso ocorre porque os adjetivos, em português, devem estar no mesmo gênero (masculino e feminino) que os substantivos que acompanham.

Entre outras informações, é isso que a **CONCORDÂNCIA NOMINAL** estuda: o acordo dos adjetivos e outras palavras determinantes com os substantivos a que se referem.

Veja outro exemplo, agora do texto “ A técnica do bruxo”.

“Essa outra é uma amiga sua, que tem muita inveja e lança energia negativa sobre você.”

Quem comanda a concordância são os substantivos ou palavras que valem, na oração, como tais. São eles que determinam o gênero (masculino e feminino) e o número (singular e plural) das palavras que o acompanham.

Assim, concordância nominal é a concordância, em gênero e número, entre o substantivo e seus determinantes: o adjetivo, o pronome adjetivo, o artigo e o numeral.

Observe, a seguir, casos que chamam a nossa atenção no que se refere à concordância nominal.

1. OBRIGADO/OBRIGADA

Leia a tirinha abaixo.



A palavra OBRIGADO, com valor de adjetivo, concorda em gênero com o gênero da pessoa que fala.

Portanto, se o agradecimento parte de um homem, como nos quadrinhos lidos, deve assumir a forma masculina; se o agradecimento parte de uma mulher, a palavra deve ser usada no feminino.

Exemplo:

Maria disse obrigada ao receber a mensagem.

É como se o falante dissesse “Eu me sinto obrigado/obrigada a você por esse favor, essa gentileza”., no sentido de que “tenho uma obrigação em relação a você.”

Sendo assim, um homem não se sente “obrigada” nem uma mulher se sente “obrigado”. Fica a dica !

2. MENOS

Essa palavra é sempre INVARIÁVEL, ou seja, não se modifica; portanto, gramaticalmente, não existe a palavra MENAS.

Observe:

Depois das explicações, os alunos ficaram com MENOS dúvidas.

Andreia é MENOS ocupada que sua irmã.

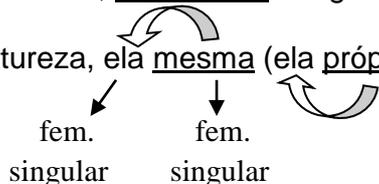
Havia MENOS pessoas no jogo de ontem.

3. MESMO/PRÓPRIO

Essas palavras são chamadas pronomes de reforço, quando são usadas justamente para reforçar, destacar certas pessoas a que se referem.

Nesse caso, concordam em gênero e número com essas pessoas. Exemplos:

A natureza, ela mesma (ela própria), devolve ao homem o prejuízo que ele lhe causa.



Os moradores mesmos fizeram a solicitação para a melhoria do bairro.

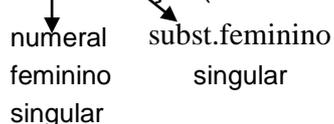


4. MEIO

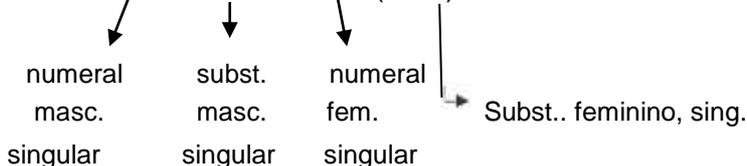
Essa palavra se comporta, em termos de concordância, de duas maneiras, de acordo com o seu valor na frase.

a) MEIO como NUMERAL (significando METADE): Concorda com o substantivo a que se refere. Exemplos:

Agora vou comer só MEIA maçã. (metade dela)



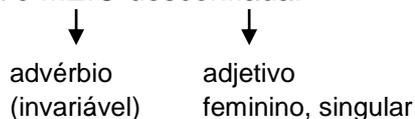
Já é MEIO - dia e MEIA (hora).



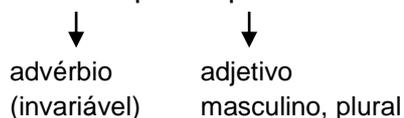
b) MEIO como ADVÉRBIO (Significando UM POUCO): é uma palavra INVARIÁVEL, ou seja, só fica no masculino, singular.

Exemplos:

Mariana é MEIO desconfiada.



Eles estão MEIO preocupados.



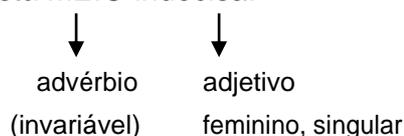
Portanto, fique atento:

Maria está ~~MEIA~~ indecisa.

Nessa frase, como você viu, MEIO é advérbio: está acompanhando o adjetivo “indecisa” e tem o sentido de “um pouco.”

Segundo a norma culta da língua, deve-se dizer:

Maria está MEIO indecisa.



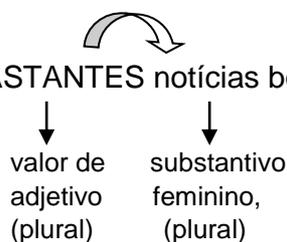
Até porque Maria não está METADE indecisa: uma parte do corpo está segura, só a outra vacilante, não é?

5. BASTANTE

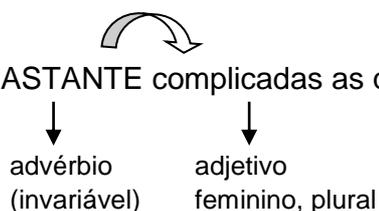
Essa palavra só varia se estiver acompanhando um SUBSTANTIVO (nome de ser). Em outras situações (junto de verbos, adjetivos, por exemplo) é INVARIÁVEL porque, nesses casos, funciona como ADVÉRBIO.

Exemplos:

Desejamos BASTANTES notícias boas para você.



Achei BASTANTE complicadas as questões.



ATENÇÃO: Para não ter dúvida, é só você substituir a palavra BASTANTE por MUITO. Se a palavra MUITO for para o plural, BASTANTE também irá.

Veja:

Desejamos muitas notícias boas para você. (BASTANTES)

Achei muito complicadas as questões. (BASTANTE)

6. CARO/BARATO

As palavras “caro” e “barato” também se comportam ora como ADJETIVOS, acompanhando substantivos, ora como ADVÉRBIOS, junto de verbos.

Você já sabe que, no primeiro caso, elas se flexionam, concordando com os substantivos a que se referem e, no segundo, ficam invariáveis.

Observe:

Estas frutas estão CARAS.

substantivo
feminino,
(plural) adjetivo
feminino,
(plural)

Essa roupa custa caro.

verbo advérbio
(invariável)

Eles estão vendendo muito barato.

locução verbal advérbio
(invariável)

UMA DICA: Note que CARO/BARATO são advérbios quando se ligam a verbos SIGNIFICATIVOS. (custar, vender...).

7. É BOM, É PROIBIDO, É NECESSÁRIO

Analise os dois exemplos abaixo. São dois avisos expostos aos frequentadores de um clube.

A entrada de animais é PROIBIDA no clube.

É PROIBIDO entrada de animais no clube.

A ordem das duas frases é diferente. Desconsiderando isso, encontre o elemento que faz com que o adjetivo da primeira frase seja PROIBIDA (no feminino) e o da segunda seja PROIBIDO (no masculino).

Você deve ter concluído que a palavra a que se refere o adjetivo PROIBIDO nas duas frases é a mesma: entrada. A presença do artigo A na primeira frase constitui a diferença entre elas. É justamente a presença ou a ausência de um determinante junto do substantivo nessas construções que vai fazer que o adjetivo fique no feminino ou no masculino.

Assim:

a) SUBSTANTIVO precedido de determinante (artigo, pronomes): ADJETIVO concorda com o substantivo.

Exemplo:

A água é boa para a saúde.

artigo subst.. adj.
(fem. (fem., (fem.,
sing. sing. sing.)

b) SUBSTANTIVO NÃO precedido de determinante: ADJETIVO permanece no MASCULINO SINGULAR.

EXEMPLO:

Água é bom para a saúde.

Subst. adj.
(fem, (masc.,
sing.) sing.)

Veja a tirinha abaixo:



GOMES, Clara. *Bichinhos de jardim*. Disponível em: <<http://bichinhosdejardim.com>>. Acesso em: 24 out. 2010.

Observe, atentamente, a fala do primeiro desenho.

A personagem utiliza as palavras “chato”, “necessário” para se referir ao substantivo FAXINA, feminino e singular. Agora, você já sabe por quê: esse substantivo não está determinado por nenhuma palavra, não está precedido de nenhum determinante, por isso os adjetivos que se referem a ele (“chato”, “necessário”) ficam no masculino e no singular.

8. QUITE/ ANEXO/ INCLUSO

A palavra QUITE é um adjetivo e, portanto, concorda com o ser a que se refere. Esse é também o caso de ANEXO e INCLUSO.

Exemplos:

Carlos está quite com a justiça eleitoral.

↓ ↓
subst. adj.
sing. sing.

Finalmente José e Maria estão quites com o clube,

↓ ↓
substantivos adj. Plural

Remeto-lhe, anexas, duas cópias do contrato.

↓ ↓
adjetivo substantivo
feminino feminino
plural plural

Vão inclusos os documentos.

↓ ↓
adjetivo substantivo
masculino masculino
plural plural

9. SÓ

Observe as frases a seguir:

- a) Ela ficou **SÓ**.
- b) Os artistas **SÓ** esperam ter seu talento reconhecido.

O sentido da palavra **SÓ** nas duas frases é o mesmo? O que ela significa nas duas frases? Você deve ter concluído que, na letra a, “**SÓ**” significa **SOZINHA** e na letra b, significa **APENAS, SOMENTE**.

Sendo assim, na primeira frase, é um adjetivo e **CONCORDA** com o pronome **ELA** e, na segunda, é um advérbio, permanecendo **INVARIÁVEL**.

Veja outros exemplos:

Elas ficaram sós. (=sozinhas)

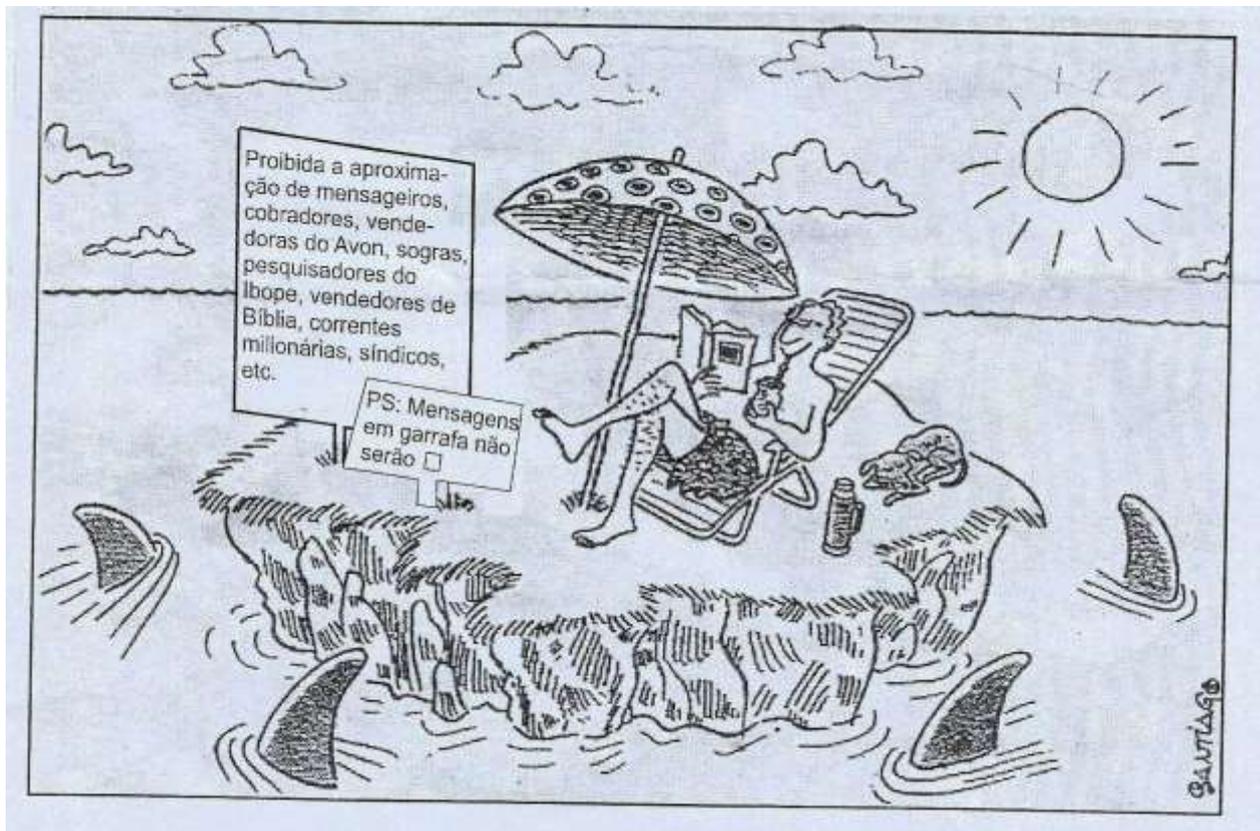
↓ ↓
pronome adjetivo
plural plural

Só cinzas restaram depois da batalha. (=samente)

↓
advérbio
invariável

Faça agora alguns exercícios de concordância nominal.

26. Leia este cartum:



- a) Na 1ª placa, observe que a forma verbal **é** está implícita. Explique por que o adjetivo **proibido** foi empregado no feminino singular.
- b) Na 2ª placa, qual das palavras — recebido, recebida, recebidas — completa a frase?
27. Que palavra completaria adequadamente o poema abaixo: **meio** ou **meia**? Por quê?

Então, Friends

levo a vida assim,
XXXXX direita, XXXXX torta,
às vezes arrombando a festa outras,
dando com a cara na porta.

[(Ulisses Tavares. Viva a poesia. São Paulo: Saraiva,1997.p.20)]

28. Reescreva as frases seguintes, fazendo a devida concordância das palavras dos parênteses:

- a) O leitor pulou (LONGO) capítulos e páginas, porque achou o livro muito grosso.
- b) O poeta escreveu capítulos e páginas (COMPACTO)
- c) O advogado considerou (PERIGOSO) o argumento e a decisão.
- d) “Os cavalos, metidos ate (MEIO) canela na correnteza, dobravam o pescoço.” (Guimarães Rosa)
- e) Comprei uma motocicleta e um apartamento (USADO)
- f) Elas (MESMO) providenciaram os atestados que enviaram (ANEXO) às procurações, como instrumentos (BASTANTE) para os fins pretendidos.

- g) Os alunos e as alunas (APROVADO) pretendem fazer um baile e um churrasco (BASTANTE) agradáveis.
- h) As listas (INCLUSO) nas documentações foram encontradas.
- i) Os materiais de construção estão custando (CARO).
- j) Ficaram (BARATO) aquelas roupas.

29. Substitua a expressão destacada pela palavra indicada entre parênteses:

- a) Eles já estavam igualmente pagos. (quite)
- b) Os filmes a que assisti no Festival Internacional de cinema eram muito interessantes (bastante).
- c) A dona de casa estava um pouco confusa porque não tinha tantos pratos e talheres para tantos convidados. (meio -bastante)
- d) Eles não se sentiam bem quando ficavam sozinhos. (só)
- e) Júlia e Estela somente irão se tiverem muitos detalhes do roteiro. (só-bastante)

30. Em cada entrada de um parque público de uma cidade foram afixados estes dois avisos:

É NECESSÁRIO A APRESENTAÇÃO DE DOCUMENTOS

É NECESSÁRIA A APRESENTAÇÃO DE DOCUMENTOS

- a) Explique por que essas frases não são coerentes entre si quanto à concordância nominal.
- b) Indique qual das duas NÃO está de acordo com a regra de concordância relativa ao caso e explique por quê.

31. (F. Carlos Chagas-RJ) Ainda ... furiosa, mas com ... violência, proferia injúrias ... para scandalizar os mais arrojados.

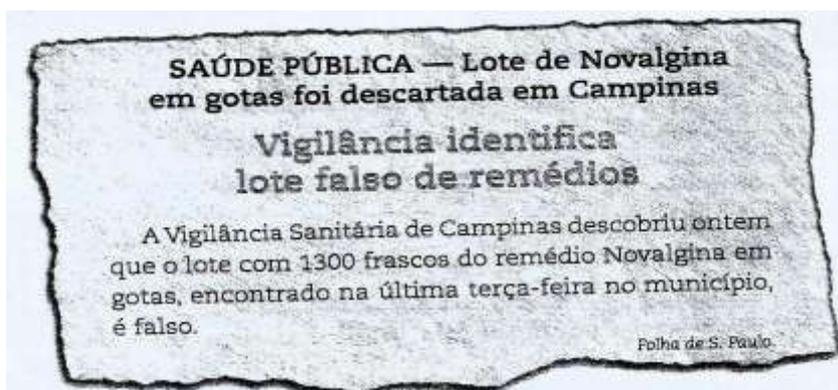
- a) meia - menos - bastantes
- b) meia - menos - bastante
- c) meio - menos - bastante
- d) meio - menos - bastantes
- e) meio - menos - bastante

32. Numa farmácia, ao receber o remédio das mãos de um atendente, a moça fez questão de agradecer:

— Muito obrigado!

Com relação à concordância estudada, a expressão usada pela cliente está correta? Comente.

33. Leia este trecho de notícia:



- Na chamada (início do texto), há um erro de concordância nominal. Encontre-o e explique-o.
- Faça uma hipótese para explicar o que poderia ter levado o redator a se confundir.
- Com que substantivo as palavras ENCONTRADO e FALSO estão concordando?

Concordância Verbal

Leia, com atenção, a tirinha abaixo:



- Nos dois primeiros quadrinhos da tira, Níquel Náusea repete uma mesma fala mentalmente. Por que ele faz isso?
- Algo inesperado ocorre no terceiro quadrinho em relação a essa fala. Explique.
- Com relação à norma culta da língua, que desvio você observa nesse 3º quadrinho?

Conforme você pôde perceber, o que ocorreu foi uma concordância fora do que a língua padrão determina. Na fala do terceiro quadrinho, o substantivo “coisa”, o verbo “fica” e o adjetivo “brilhenta” deveriam estar no plural, seguindo o artigo “as” que inicia a frase.

Observar esse mecanismo da língua, aprendê-lo e colocá-lo em prática é efetuar a concordância de acordo com a norma padrão. É também esse o objeto de estudo desta unidade. Já vimos a concordância nominal e, agora, passaremos à concordância verbal.

A concordância verbal se estabelece entre o verbo (em suas flexões de número e pessoa) e o sujeito da oração com o qual ele se relaciona.
(Sujeito: Termo ao qual o verbo se refere.)

Sendo assim, no exemplo citado, o verbo “fica” deveria estar na 3ª pessoa do plural, concordando com o seu sujeito “as coisas”.

Veja mais um exemplo retirado de “A última crônica”:

“ Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa a um discreto ritual.”

↓
Sujeito na
3ª pessoa
do plural

↓
verbo na
3ª pessoa
do plural

As Memórias Póstumas de Brás Cubas abriram o Realismo brasileiro.

↓
nome próprio no plural
precedido de artigo plural(As)

↓
verbo no plural

OBSERVAÇÃO:

Se não houver determinante, o verbo ficará no singular.

Exemplos:

Estados Unidos é uma grande potência.

As Memórias Póstumas de Brás Cubas abriu o Realismo brasileiro.

3. NÚCLEOS LIGADOS POR OU

Se os elementos do sujeito estiverem unidos por OU, o verbo ficará no singular ou no plural, de acordo com o valor semântico (sentido) da conjunção OU. Se ela exprimir:

EXCLUSÃO, o verbo ficará no singular.

Exemplo: João ou Pedro dirigirá o carro. (Apenas um vai dirigir o carro)

↓ ↓
exclusão verbo no singular

ADIÇÃO, o verbo ficará no plural.

Exemplo: Cinema ou teatro agradam-me. (Gosto dos dois)

↓ ↓
adição(=e) verbo no plural

4. VERBO SER

a) O verbo SER pode apresentar variações na concordância: às vezes concorda com o sujeito e, às vezes, com outro termo ligado ao sujeito, chamado predicativo. Se um dos dois termos (sujeito ou predicativo) é representado por palavra que designa pessoa ou por pronome pessoal (eu, tu, ele, nós, vós, eles), o verbo SER concorda obrigatoriamente com esse termo.

Exemplos:

Neymar era as esperanças dos brasileiros.

↓ ↓
Sujeito verbo no sing.
(pessoa)

O problema da empresa são os funcionários desmotivados.

↓ ↓
verbo no predicativo
plural (pessoa)

“... o maior defeito deste livro és, tu, leitor.” (Machado de Assis)

↓ ↗ predicativo na 2ª pessoa do singular

verbo
na 2ª pessoa
do singular

Observe que, se nenhum dos dois termos designa pessoa, o verbo SER pode concordar com um ou com outro, indiferentemente. O termo escolhido ficará em destaque em relação ao outro.

Exemplos:

“A tua comida era gafanhotos e mel silvestre.” (Rubem Braga)

↖ ↗

↓ ↗ verbo no singular

Sujeito singular

A tua comida eram gafanhotos e mel silvestre.

↖ ↗

↓ ↓

Verbo no plural predicativo (plural)

Veja mais um exemplo:



Veja Rio. São Paulo:
Abril, 30 out. 2002. p. 12.

b) VERBO **SER** e as expressões de quantidade:

Quando o sujeito da oração é constituído de expressões que indicam quantidade, preço, medida no plural, o verbo SER permanece na 3ª pessoa do singular.

Exemplos:

Cinco quilos de peixe é muito para o almoço.

↓ ↓

Quantidade singular

É pouco vinte reais para a feira.
 ↓ ↓
 singular preço

Nove metros era a largura daquela rua.
 ↓ ↓
 medida singular

c) VERBO **SER** INDICANDO HORAS, DISTÂNCIA E DATAS

Na indicação de **horas e distâncias**, o verbo **ser** concorda com o núcleo da expressão numérica; na indicação de **datas**, concorda com a palavra **dia/dias** (explícita ou subentendida).

Agora são três horas; quando ele chegou era uma e vinte.

Daqui ao armazém é um quilômetro; mas até a fazenda são quinze.

Hoje é dia 16 de maio. (é concorda com **dia**)

Hoje é **16** de maio. (é concorda com **dia**, subentendida antes do numeral)

Hoje **são** 16 de maio. (**são** concorda com **dias**, subentendida depois do numeral)

5. HAVER E FAZER

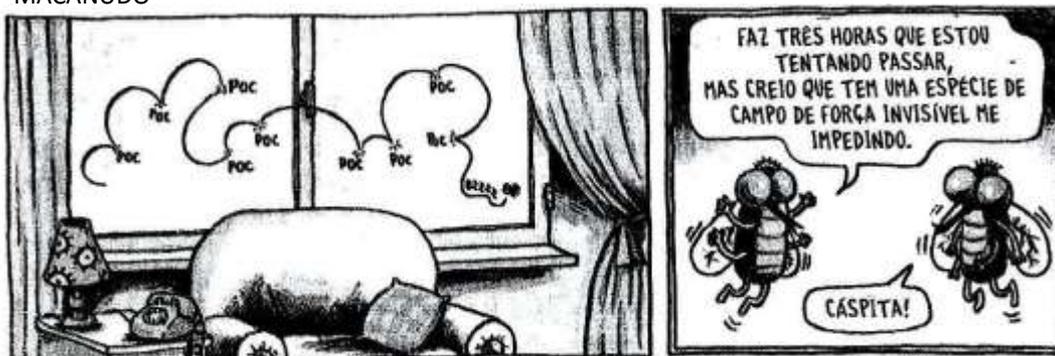
Leia as tirinhas abaixo e observe o uso do verbo HAVER na primeira e do verbo FAZER na segunda.

HAGAR



BROWNE, Chris. Hagar. Folha de S. Paulo. São Paulo, 8 nov, 2000.

MACANUDO



LINIERS. Macanudo, N. 1. Campinas: Zarabatana Books, 2008. p. 20.

Observe que as formas verbais HAVERIA E FAZ aparecem no singular; elas não concordam com as expressões “tantas guerras” e “três horas” (plural). Isso ocorre porque os verbos HAVER E FAZER nesses enunciados não têm sujeito; são IMPESSOAIS.

Verbo impessoal: tipo particular de verbo que, por não admitir sujeito, não estabelece concordância verbal; apresenta-se sempre na 3ª pessoa do singular.

VERBO HAVER:

É impessoal quando empregado como sinônimo de existir ou acontecer.

Exemplos:

Antigamente havia poucas casas nesta rua. (haver = existir)

↓
singular

Aqui nunca houve nem haverá brigas. (haver=acontecer)

↓ ↓
singular singular

VERBO FAZER:

Esse verbo é impessoal quando empregado na indicação de TEMPO.

Exemplos:

Já faz trinta anos que existe o CESU.

↓
singular

Amanhã fará dez dias que trabalho na empresa.

↓
singular

OBSERVAÇÃO: Nas locuções verbais, os verbos que acompanham HAVER e FAZER impessoais, também ficam no singular.

Exemplos:

Hoje vai haver duas festas.

↓
locução verbal
(singular)

Amanhã vai fazer seis meses que moro aqui.

↓
locução verbal
(singular)

Para terminarmos o estudo da concordância, leia a propaganda a seguir. Há, nela, alguma coisa que chama a sua atenção?

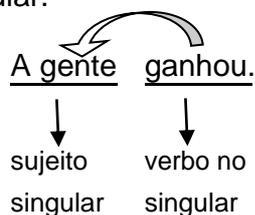


Folha de S. Paulo. São Paulo, 3 set. 2004.

Você deve ter estranhado a construção “a gente ganhamos”. De fato, você tem razão: essa concordância não está de acordo com as regras exigidas pelo padrão culto da língua. Isso ocorre comumente na variedade popular quando a expressão “a gente” equivale a “nós”, daí a concordância do verbo na 1ª pessoa do plural.

No anúncio acima, essa concordância foi escolhida para realçar o tipo de prêmio conquistado: o do voto popular, traduzindo a mensagem desejada pela agência de serem os preferidos do “povão”.

MAS ATENÇÃO! Para seguir a variedade padrão, que estamos expondo a você nesta última unidade de português, é preciso manter o verbo no singular, concordando com o sujeito “a gente”, singular.



37. Reescreva as frases, substituindo o termo em destaque pelo indicado entre parênteses e flexionando o verbo de modo a adequar a concordância ao padrão culto do idioma:
- As lembranças daqueles tempos felizes acompanharam-no por toda a vida. (lembrança)
 - Com a explosão, não restará nem sombra do velho hotel. (ruínas)
 - A população da periferia das grandes cidades sofre com a falta de transporte adequado. (moradores)
 - Muitos alunos apoiaram a decisão da escola. (aquele aluno)
 - Os analistas políticos previram a dificuldade que levaria ao fracasso o plano de paz. (obstáculos)

38- Leia a tira abaixo para responder à questão:



- Identifique na tira, um desvio de concordância e copie o trecho em que ele ocorre.
- Explique por que essa concordância não está adequada à norma padrão.
- Corrija a oração conforme a norma culta da língua.

39. Identifique a única frase incorreta quanto à concordância verbal e corrija-a:

- Existem móveis mais adequados, que poderão resolver seu problema de falta de espaço.
- Os Andes estendem-se da Venezuela à terra do fogo.
- Um grupo de coreanos se responsabilizaram pela organização da Feira das Nações.
- A multidão em pânico corriam muito.
- Esses quinze por cento de comissão já me satisfazem.

40. Reescreva as frases seguintes, completando-as com a forma verbal adequada:

- Tanto o cinema quanto o teatro me * bastante. (distrai/distraem).
- Matemática ou Física * um raciocínio bem formado. (exige/exigem)
- Os dois a amam, mas Rafael ou Zeca * com Giovana. (se casará/se casarão).
- Com estas medidas, acredito que não * mais problemas de ordem econômica nesta empresa. (haverá/haverão)
- Já * três dias que ele não apareceu por aqui. (faz/fazem)
- Penso que * existir outros meios para que você possa atingir seu objetivo. (deve/devem)
- Há muito tempo, * ali alguns fatos estranhos. (aconteceu/aconteceram)

41. Dentre as frases seguintes, há duas incorretas quanto à concordância do verbo SER. Indique-as e depois reescreva-as, corrigindo-as.

- Os Lusíadas, de Luís de Camões, é a obra prima da literatura portuguesa.
- Esqueça, pai, isto já são coisas do passado.
- Em minha classe, o líder é eu.
- E toda sua roupa eram retalhos coloridos costurados em vermelho.
- Hoje é vinte e um de setembro.

Feitos os exercícios de concordância verbal, você lerá, na sequência, mais dois exemplos dos gêneros textuais estudados nesta unidade: o conto e a crônica.

Após a leitura, prepare-se para fazer sua última produção de texto. Você realmente é um vencedor! Parabéns e mãos à obra!

Texto 2 - Plebiscito

Arthur Azevedo

A cena passa-se em 1890. A família está toda reunida na sala de jantar. O senhor Rodrigues palita os dentes, repimpado numa cadeira de balanço. Acabou de comer como um abade.

Dona Bernardina, sua esposa, está muito entretida a limpar a gaiola de um canário belga.

Os pequenos são dois, um menino e uma menina. Ela distrai-se a olhar para o canário. Ele, encostado à mesa, os pés cruzados, lê com muita atenção uma das nossas folhas diárias.

Silêncio.

De repente, o menino levanta a cabeça e pergunta:

— Papai, que é plebiscito?

O senhor Rodrigues fecha os olhos imediatamente para fingir que dorme.

O pequeno insiste:

— Papai?

Pausa:

— Papai?

Dona Bernardina intervém:

— Ó seu Rodrigues, Manduca está lhe chamando. Não durma depois do jantar, que lhe faz mal.

O senhor Rodrigues não tem remédio senão abrir os olhos.

— Que é? Que desejam vocês?

— Eu queria que papai me dissesse o que é plebiscito.

— Ora essa, rapaz! Então tu vais fazer doze anos e não sabes ainda o que é plebiscito?

— Se soubesse, não perguntava.

O senhor Rodrigues volta-se para dona Bernardina, que continua muito ocupada com a gaiola:

— Ó senhora, o pequeno não sabe o que é plebiscito!

— Não admira que ele não saiba, porque eu também não sei.

— Que me diz?! Pois a senhora não sabe o que é plebiscito?

— Nem eu, nem você; aqui em casa ninguém sabe o que é plebiscito.

— Ninguém, alto lá! Creio que tenho dado provas de não ser nenhum ignorante!

— A sua cara não me engana. Você é muito prosa. Vamos: se sabe, diga o que é plebiscito!

Então? A gente está esperando! Diga!...

— A senhora o que quer é enfezar-me!

— Mas, homem de Deus, para que você não há de confessar que não sabe? Não é nenhuma vergonha ignorar qualquer palavra. Já outro dia foi a mesma coisa quando Manduca lhe perguntou o que era proletário. Você falou, falou, falou e o menino ficou sem saber!

— Proletário — acudiu o senhor Rodrigues — é o cidadão pobre que vive do trabalho mal remunerado.

— Sim, agora sabe porque foi ao dicionário; mas dou-lhe um doce, se me disser o que é plebiscito sem se arredar dessa cadeira!

— Que gostinho tem a senhora em tornar-me ridículo na presença destas crianças!

— Oh! Ridículo é você mesmo quem se faz. Seria tão simples dizer: — Não sei, Manduca, não sei o que é plebiscito; vai buscar o dicionário, meu filho.

O senhor Rodrigues ergue-se de um ímpeto e brada:

— Mas se eu sei!

— Pois se sabe, diga!

— Não digo para me não humilhar diante de meus filhos! Não dou o braço a torcer! Quero conservar a força moral que devo ter nesta casa! Vá para o diabo!

E o senhor Rodrigues, exasperadíssimo, nervoso, deixa a sala de jantar e vai para o seu quarto, batendo violentamente a porta.

No quarto havia o que ele mais precisava naquela ocasião: algumas gotas de água de flor de laranja e um dicionário...

A menina toma a palavra:

— Coitado de papai! Zangou-se logo depois do jantar! Dizem que é tão perigoso!

— Não fosse tolo — observa dona Bernardina — e confessasse francamente que não sabia o que é plebiscito!

— Pois sim — acode Manduca, muito pesaroso por ter sido o causador involuntário de toda aquela discussão — pois sim, mamãe; chame papai e façam as pazes.

— Sim! Sim! Façam as pazes! — diz a menina em tom meigo e suplicante. — Que tolice!

Dois pessoas que se estimam tanto zangarem-se por causa do plebiscito!

Dona Bernardina dá um beijo na filha, e vai bater à porta do quarto:

— Seu Rodrigues, venha sentar-se; não vale a pena zangar-se por tão pouco.

O negociante esperava a deixa. A porta abre-se imediatamente.

Ele entra, atravessa a casa, e vai sentar-se na cadeira de balanço.

— É boa! — brada o senhor Rodrigues depois de largo silêncio — é muito boa! Eu! Eu ignorar a significação da palavra *plebiscito*! Eu!...

A mulher e os filhos aproximam-se dele.

O homem continua num tom profundamente dogmático:

— Plebiscito...

E olha para todos os lados a ver se há ali mais alguém que possa aproveitar a lição.

— Plebiscito é uma lei decretada pelo povo romano, estabelecido em comícios.

— Ah! — suspiram todos, aliviados.

— Uma lei romana, percebem? E querem introduzi-la no Brasil! É mais um estrangeirismo!...

Vocabulário:

abade: homem gordo que governa em mosteiros;

proletário: indivíduo pobre que vive do seu salário;

repimpado: abarrotado, farto

Martha Medeiros

martha.medeiros@oglobo.com.br



Mulher escrevendo enquanto toma chá

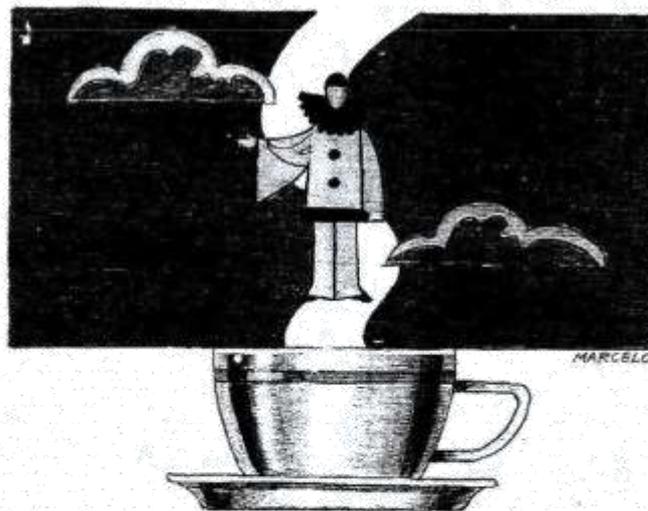
Sempre fico insegura na hora de intitular o que escrevo. Meus poemas nunca tiveram título. Nos livros, é a última coisa que escolho (em meio a dúvidas infinitas). E os das colunas refletem a minha preguiça: deveria me esforçar mais para atrair a atenção do leitor, mas depois de já ter me dedicado o suficiente na elaboração do texto, o título é praticamente um resumo do assunto tratado, sem nenhuma acrobacia literária ou jornalística.

Isso explica o fato de eu admirar a simplicidade do título de inúmeras telas expostas nos museus do mundo. São praticamente legendas: "Vista de Paris do apartamento de Theo" é o nome do quadro em que Van Gogh mostra os telhados que seu irmão Theo vislumbrava todos os dias, ou "Campo de trigo com cotovia", onde o mesmo Van Gogh, com suas pinceladas geniais, mostra o quê? Um campo de trigo sendo sobrevoado por uma cotovia. Nenhuma charada, nenhuma metáfora, nenhuma gracinha. Van Gogh pintou a si mesmo usando um chapéu de feltro: qual o nome da tela? "Autorretrato com chapéu de feltro". Para que inventar?

É como se a obra dissesse: acredite no que você está vendo. "Jovem camponesa com uma enxada" (Jules Breton), "Casa ao lado da ferrovia" (Edward Hopper), "Criança brincando com um caminhão" (Picasso). Não há dúvida, você

está vendo uma camponesa, uma casa, uma criança. E a partir daí, está liberado para descobrir que aquela camponesa é especial, com seu dedo apoiado na face, pensativa em meio ao descanso da lida. E que aquela casa não é uma casa qualquer, mas um ícone da solidão rural diante do crescente progresso. E que aquela criança brincando com um caminhão não é um menino, e sim uma menina, e que os traços decorativos atrás dela não fazem parte de um papel de parede: representam um jardim.

"O título está ali apenas para nos pegar pela mão e nos levar para dentro — de um quadro, de um texto ou até da vida de alguém"



var para dentro — de um quadro, de um texto ou até da vida de alguém. Não por acaso, é a primeira coisa que perguntamos diante de um desconhecido: qual o seu nome? E a partir dali aquela Maria Fernanda ou aquele João Paulo terão nos dado a senha para criarmos uma história da qual faremos parte também.

Você pode me ver agora? Uma mulher escrevendo enquanto toma chá de maçã. Sim, é de maçã. Como não é uma tela, e sim uma página de jornal, não pude me alongar. Mas a partir desse título simplório você pulou para o lado de cá. •

O nome que damos às coisas é apenas um identificador sem maior importância. O que importa é nosso olhar e nosso foco: tudo é único. Cada coisa, cada pessoa, cada gesto, cada segundo é rico de significados e irreproduzível.

"Mulher deitada lendo". Pelo menos uns 279 artistas poderão pintar um quadro com esse título e veremos 279 representações individuais sobre o mesmo tema. Até mesmo um traço horizontal com um asterisco na ponta pode significar uma mulher deitada lendo. O título está ali apenas para nos pegar pela mão e nos le-

Produção de texto

Você vai encontrar, a seguir, duas propostas para escrever o seu texto. Escolha uma delas, mas, antes de começar a escrever, leia as considerações do renomado escritor Umberto Eco:

Os conselhos de um mestre

O escritor Umberto Eco, ao explicar o processo de criação de seu romance O nome da Rosa, faz algumas importantes observações sobre a influência do espaço na construção narrativa.

Entendo que para contar é necessário primeiramente construir um mundo, o mais mobiliado possível, até os últimos pormenores. Constrói-se um rio, duas margens, e na margem esquerda coloca-se um pescador, e se esse pescador possui um temperamento agressivo e uma folha penal pouco limpa, pronto: pode-se começar a escrever traduzindo em palavras o que não pode deixar de acontecer. [...] Como se vê, bastou mobiliar com pouca coisa nosso mundo e já se tem início de uma história. [...] O problema é construir o mundo, as palavras virão quase por si sós.

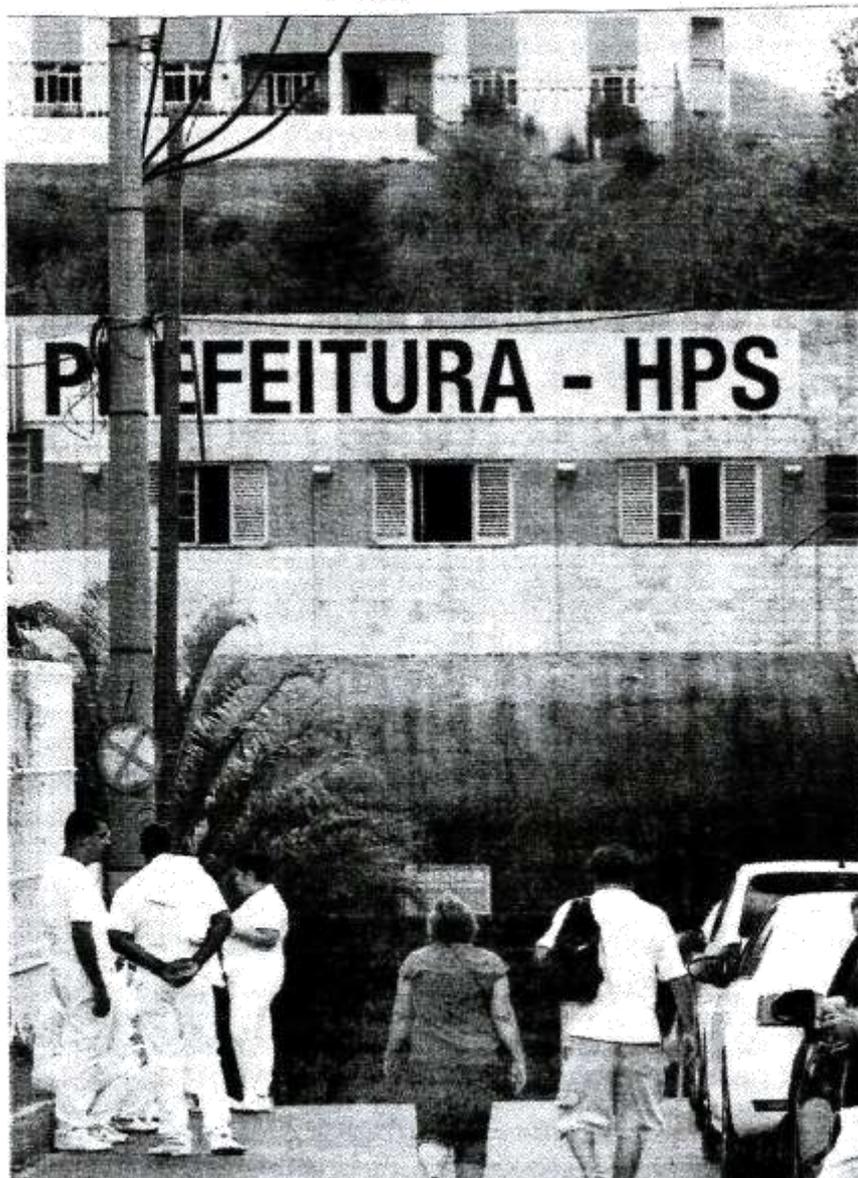
ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da rosa*. Trad. de Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.p.21-2 (fragmento).

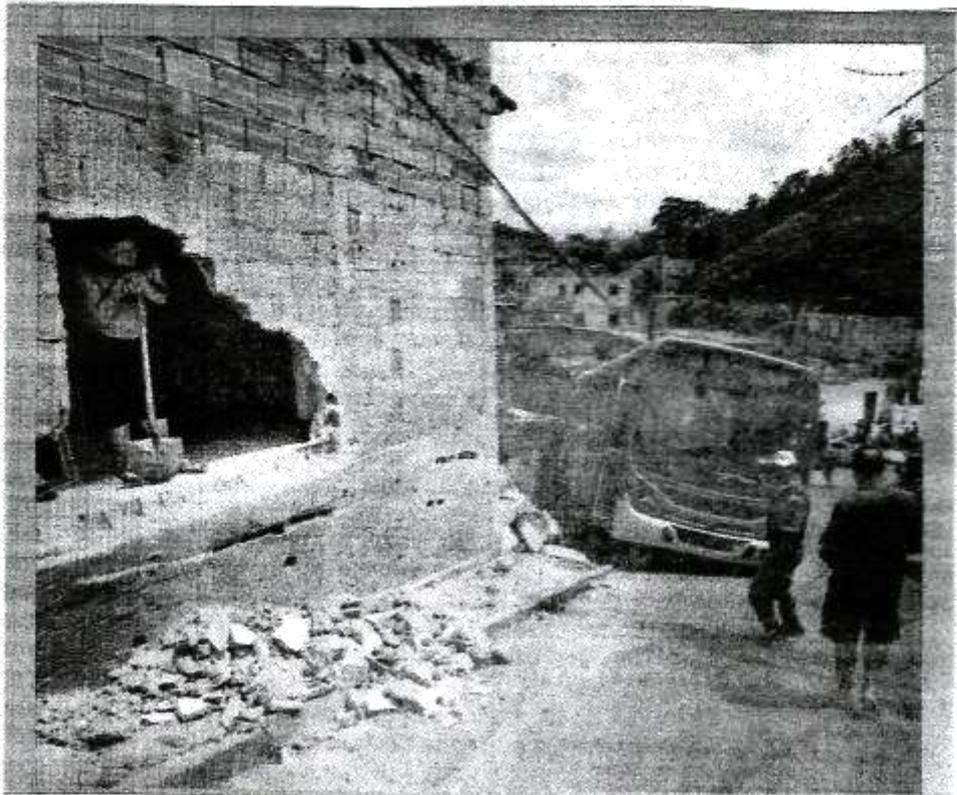
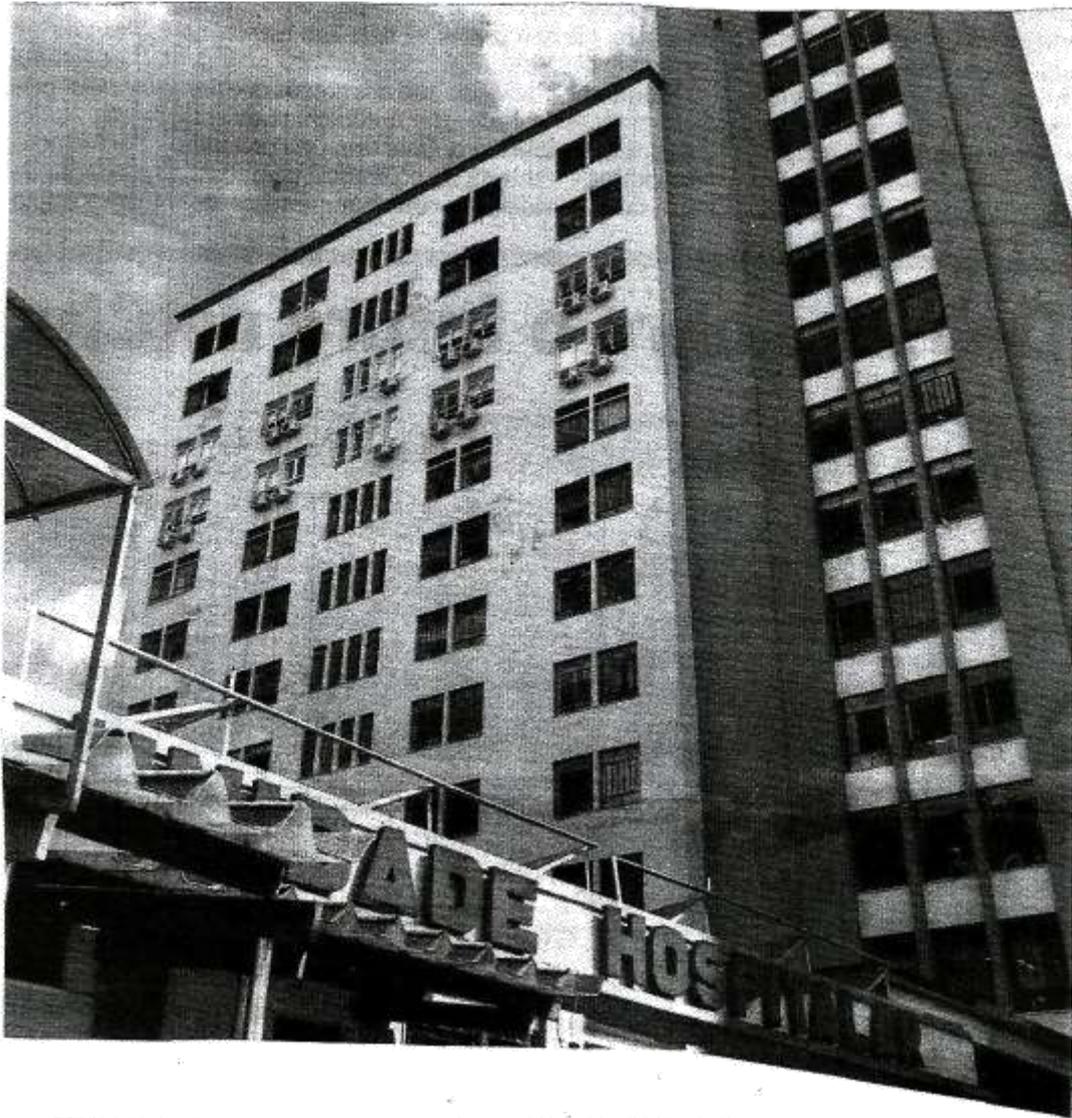
Proposta 1: UM CONTO

Sua tarefa será criar uma personagem, a personagem principal (o protagonista) do conto que você irá escrever. Você deve conhecer profundamente essa pessoa: seus gostos, seus conflitos, sua vida. Seu texto será escrito em 3ª pessoa. Sua personagem deverá viver um conflito relacionado às imagens que estão a seguir. Cabe a você criar esse conflito e resolvê-lo. Então repare as figuras e solte sua imaginação.



MAURO COSTA/09-03-15





Proposta 2: UMA CRÔNICA

Leia os textos 1 e 2 abaixo, que servirão de base para a sua produção.

Texto 1

Preso entala em túnel em tentativa de fuga

Dez presos fugiram na madrugada de ontem do 36º DP, no Paraíso, Zona Sul de São Paulo, através de um túnel cavado por eles.

A fuga de 98 presos do distrito foi evitada depois que o detento Carlos Henrique da Silva, 24, ficou entalado no meio do túnel.

Segundo os policiais Silva é alto e pesa 90kg, mas ficou preso no túnel por ser desajeitado.

Ele estava preso na cela dois, mas, anteontem, sabendo da fuga, se infiltrou entre colegas da cela número quatro, onde foi trancafiado pelo carcereiro após o banho de sol de domingo, às 17h.

À 0h de ontem, os detentos terminaram de cavar o túnel, que começava no meio da cela e terminava fora do distrito.

Dez saíram até Silva começar a gritar socorro. Sob o comando da delegada Adilea de Fátima Santos, os policiais de plantão recapturaram cinco presos após a fuga.

Na recontagem dos presos da manhã de ontem, ficaram faltando cinco. Silva, acusado de latrocínio (matar para roubar), e os cinco recapturados foram indiciados ontem em inquérito por dano ao patrimônio público.

Os recapturados foram Antônio Venâncio da Silva, 20; Elcio de Lana, 24; José Carlos Ribeiro, 36; Ariovaldo Dias de Toledo, 46 e um homem que não foi identificado.

(Folha de S. Paulo. 01.11.94, in caderno Cotidiano, p. 3)

Texto 2

Jogo de Cintura

O plano de fuga foi feito com todo cuidado, a gente pensou nos menores detalhes. Por exemplo: a gente resolveu que gordo não podia ir. Porque o túnel era estreito, sabe? Túnel pra sair da cadeia é sempre estreito. Quem quer conforto não deve ir preso. O túnel era estreito, sim, e isso de cara eliminava os gordos. Isto deixamos bem claro: gordo não vai. Era só o que faltava, a gente ficar trancado por causa de um gordo.

Não era o meu caso. Peso 90kg, mas sou um cara alto, não tenho jeito de gordo. Por via das dúvidas, resolvi até fazer um regime. Passei fome uns dias, mas me consolava: quando eu sair daqui, pensava, vou me entupir de macarronada, de doce, de tudo.

Bom, as gordurinhas que eu tinha eu perdi. Não digo que fiquei um bailarino espanhol, mas que eu passava no túnel, ah isto eu passava. Tirei as medidas e constatei: sobrava bem uns dez centímetros.

Mas fiquei entalado.

Agora você vai perguntar como isto aconteceu. Bom, aconteceu porque, ao contrário do que a gente pensava, o problema não era só com os gordos. É que o túnel fazia uma voltinha, compreendeu? E foi essa voltinha que me ferrou. Cheguei ali, fiquei preso: não ia nem pra diante

nem atrás. O pessoal ficou furo comigo: vê se você se solta, gritavam, dê um jeito. Bem que eu queria dar um jeito, mas como? O que estava me faltando, cara, era jogo de cintura. Se eu tivesse jogo de cintura a coisa seria mais simples.

O resto você sabe: lá pelas tantas bateu o desespero, comecei a gritar por socorro. E aí nos pegaram.

O pessoal aqui está furo comigo, e eu não tiro a razão deles. Mas adotei as minhas providências: comecei a treinar com um colega de prisão, um cara que trabalhou em circo e é contorcionista. Tipo Homem de Borracha, você sabe como é? E ele me disse que eu tenho futuro. Na próxima fuga, passo até por buraco de agulha, se for o caso. Porque é só questão de jogo de cintura. E isto agora não me falta.

(SCLIAR, Moacir. Folha de S. Paulo, 06.11.94, in caderno Cotidiano, p. 4-3)

Você deve ter observado que o texto 1 trata-se de uma notícia, um fato verídico; é, portanto, um texto não literário. Já o texto 2 é uma crônica escrita a partir da notícia. Perceba que o cronista construiu seu texto em 1ª pessoa, é o próprio preso que ficou “entalado” no túnel que conta a história.

Agora é com você!

Procure uma notícia curta de jornal ou revista. Cole a notícia numa folha e escreva a mesma história, só que do ponto de vista de alguém envolvido nela, e não do ponto de vista do repórter.

Não se esqueça de entregar seu texto ao professor!

Bibliografia

1. ABAURRE, Maria Luiza M; ABAURRE, Maria Bernadete M. e PONTARA, Marcela. **Gramática: Texto: análise e construção de sentido**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2010.
2. ABAURRE, Maria Luiza M; ABAURRE, Maria Bernadete M. e PONTARA, Marcela. **Português: Contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2008.
3. ABAURRE, Maria Luiza M; e ABAURRE, Maria Bernadete M. **Produção de texto: interlocução e gêneros**. São Paulo: Moderna, 2007.
4. AMARAL, Emília et alii. **Novas palavras**. 2. ed. renov. São Paulo: FTD, 2005.
5. NICOLA, José de e INFANTE, ULISSES. **Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1997.